

Resenha

Matheus Gomes Reis Pinto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

mgrp.ufrgs@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1018247221073253>

FLYNN, Thomas. R. *Existentialism: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

O trabalho de Thomas R. Flynn, publicado em 2006, é uma obra que pretende oferecer uma introdução ao pensamento filosófico existencialista surgido no século XX, primordialmente nos anos 40 e 50. O carro-chefe que conduz o livro ao dito intento, conforme indica o autor no Prefácio, é o *corpus* literário do filósofo francês Jean-Paul Sartre, não obstante diversas considerações sejam feitas com relação a Nietzsche, Heidegger, Kierkegaard, Simone de Beauvoir, Merleau-Ponty e Albert Camus. O impacto surgido do pensamento existencialista não se limita, segundo o autor, ao desenvolvimento teórico da filosofia e de sua história, mas se estende a toda uma gama de disposições literárias e artísticas da época, resultando em um “espírito filosófico” tal como foi o Romantismo da Alemanha do século XVIII. Thomas Flynn oferece uma gênese concisa deste espírito, buscando identificar e explicar a definição original do termo e seus temas-chave, como a individualidade humana, o livre-arbítrio, e a responsabilidade pessoal, caracterizando o



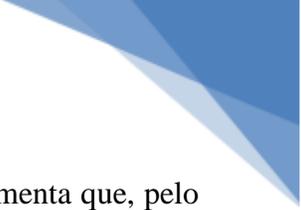
existencialismo como uma *forma de vida*, ainda que por vezes distorcido por apropriações indevidas.

Em seu considerável número de páginas, o livro estrutura-se em seis capítulos que esboçam a seguinte trajetória: (1) *Philosophy as a way of life*; (2) *Becoming an individual*; (3) *Humanism: for and against*; (4) *Authenticity*; (5) *A chastened individualism? Existentialism and social thought*; e (6) *Existentialism in the 21st century*. Os capítulos iniciais retratam as diferentes abordagens filosóficas apoiadas a um eixo central, delimitando-as conforme as especificidades de cada um dos autores ora citados. Resta ao capítulo final a responsável tarefa de destacar a relevância do existencialismo nos dias de hoje – tarefa essa que, não se limitando à filosofia, enfrenta dificuldades pelo fato de seu recorte histórico transcorrer em paralelo a teorias ainda muito recentes. Conforme o autor, preservam-se cinco temáticas básicas no âmbito da filosofia existencialista, cada qual trilhando um caminho que, em oposição à uma acepção conceitual rigorosa própria, retrata antes um entrecruzamento e justaposição de temas abordados por esses filósofos¹.

Thomas Flynn inicia o primeiro capítulo expondo uma definição de filosofia existencialista que se distancia do arquétipo de doutrinas e sistemas de pensamento filosóficos clássicos, e que se aproxima de uma forma de vida, uma *epimeleia heautou*, refletindo uma prática filosófica voltada para o *eu*. Com relação a isso, o autor faz referência aos clássicos de Pierre Hadot sobre os estoicos, como exemplo paradigmático de como a filosofia antiga poderia nos oferecer um significado à vida ainda nos dias de hoje, de modo que nesse primeiro capítulo constatamos que essa abordagem filosófica transmite a ideia de que a máxima existencialista “a existência precede a essência” confere ao ser humano uma natureza não amparada ao destino, mas às nossas próprias escolhas.

Encontramos no segundo capítulo o pensamento de Kierkegaard sobre as “esferas” da existência, ou “estágios da vida”, teorias essas que motivam Flynn a traçar extensas observações acerca do posicionamento e interpretação de Nietzsche sobre as mesmas, e a influência delas em seu projeto existencial. Aqui, a ideia expressa pelo autor, motivada pelo pensamento de

¹ Entre os filósofos e autores existencialistas, mesmo que pouco citados no livro por razões da brevidade que uma introdução se propõe, destaca Flynn: Buber e Berdyaev, Ortega y Gasset e Unamuno, além de Dostoiévski e Kafka, Giacometti e Picasso, e Ionesco e Beckett.



Kierkegaard, é a de uma filosofia existencialista que prioriza o tempo, onde argumenta que, pelo fato de sermos seres essencialmente temporais – ou seja, que o tempo é a nossa essência –, o presente, o passado e o futuro assumiriam valores renovados e únicos. Flynn procura mostrar que a natureza temporal do ser humano requer que este exista como indivíduo dinâmico, nunca estático e completo, atribuindo ao existencialismo um caráter de *liberdade*. As observações com relação à Nietzsche, no entanto, negam a noção de liberdade e escolha moral, pois o projeto nietzschiano tem a intenção de trazer o ser humano de volta ao mundo, afastando-o das ilusões transcendentais e eternas, fazendo com que sua filosofia se oriente para a dimensão biológica da existência humana. Assim, Nietzsche confere à pergunta metafísica “*o que há, em última análise?*” uma resposta amparada ao conceito de “vontade de poder”.

No terceiro capítulo, o autor discute as implicações que a conferência proferida por Jean-Paul Sartre, posteriormente publicada na forma do livro *O Existencialismo é um Humanismo*, provocou no âmago da filosofia existencialista, bem como a resposta contemporânea de Martin Heidegger à Sartre, intitulada *Carta sobre o Humanismo*. Além dessa discussão, o autor discorre sobre o que seria uma teoria existencialista em que a *pessoa* é o objeto central de interesse. Ainda que essa perspectiva não manifeste uma filosofia anticientífica, os filósofos que a sustentam enfatizam a busca individual da identidade e significado do indivíduo como relevante em meio às pressões sociais e econômicas de uma sociedade de massa. Dado o ateísmo postulado pela visão de Sartre, a saber, que *a existência precede a essência*, Flynn interpreta o filósofo francês como defensor de indivíduos livres para criar seus próprios valores, pois, não havendo ordem moral no universo que oriente suas ações, com efeito, a liberdade em si seria o valor final de todos os indivíduos.

O quarto capítulo é dedicado ao tema da *autenticidade* como valor existencialista essencial – não obstante seja atribuída à liberdade esse valor. Ademais, o texto apresenta um exame da natureza das formas de autoengano, ou má-fé, que desempenham funções antagônicas, à primeira vista, na teoria. Relacionando autenticidade à individualidade existencial, emerge uma ética que demanda responsabilidade do indivíduo. Ponderando toda a argumentação exposta, é possível compreender o posicionamento do autor como em defesa de um existencialismo próximo à uma “filosofia da liberdade”, uma vez que sua fundamentação se estrutura na capacidade do ser humano



em distanciar-se de sua própria realidade para analisar com transparência a vida como um todo. Nesse sentido, seríamos sempre *mais* do que nós mesmos pelo fato dessa liberdade representar uma elevada responsabilidade. Segundo Sartre, a escolha por uma autenticidade caracterizaria uma decisão de cunho ético e moral, uma vez que, em última instância, sempre haveria uma “moral da história” em nossas vidas; e, nesse sentido, aquele que não estiver ciente de suas ações e do que realiza na completude de sua vida, estaria vivendo uma mentira.

No quinto capítulo, o autor aborda a questão de um “individualismo castigado” como tentativa de oferecer ao pensamento existencialista um respaldo social mais proveitoso, ao invés de se comprometer tão somente com a leitura de que a liberdade e a responsabilidade individual não seriam negociáveis. Nota-se uma expressiva consideração ética relativa às dimensões sociais. Ainda que cada pensador existencialista interprete, cada um ao seu modo, a ética como a *liberdade* individual, a inquietação que subjaz essa seção é a de propor um exame crítico para além da autenticidade de nossas próprias vidas, ampliando a análise à toda a sociedade em que estamos inseridos. Flynn encerra o capítulo brindando o leitor com o existencialismo feminino de Simone de Beauvoir, sugerindo uma concepção de existencialismo social a partir de sua teoria.

Encaminhando-se para o final, o sexto capítulo constitui-se de aspectos remanescentes do pensamento existencialista projetados na contemporaneidade, com o intento de trazer à tona a relevância que a filosofia existencialista possui nos dias de hoje. Embora o termo “existencialismo” permaneça sendo mencionado com frequência, e Sartre continue o filósofo mais conhecido dessa vertente, por vezes nota-se a afirmação de que o movimento existencialista se findou. É necessário, portanto, separar o *significado filosófico*, do *pensamento existencialista*; e separar seus *conceitos influentes*, de sua atenção ao *concreto*, sendo esse o objetivo e esforço com o qual o autor se ocupa no último capítulo.

O existencialismo, tal como apresentado no texto em análise de Thomas R. Flynn, parece considerar o ser humano como uma tábula rasa, um papel em branco. Não há nada em nós que já esteja estabelecido – nada de essencial. Com efeito, segundo a teoria existencialista, estaríamos condenados à liberdade, depositando no indivíduo uma tremenda responsabilidade. Não há destino e nem um deus para vir ao nosso resgate. Tudo no mundo depende do indivíduo, cujo impulso de



seu destino estaria centrado em suas escolhas. Não é de admirar que o existencialista esteja cheio de angústia, pois os valores éticos e morais seriam, em sua maioria, uma questão de escolha. No entanto, penso que o ser humano, ainda que possuindo um considerável livre-arbítrio nos termos existencialistas, ainda é apenas uma pequena parte de um universo gigantesco, de sorte que, considerar o indivíduo como o agente de escolha em *tudo* representaria uma realidade pouco atraente fora de um contexto teórico.

Thomas R. Flynn é atualmente pesquisador e professor de filosofia na Universidade de Emory, e atua nas áreas de filosofia contemporânea continental (em especial, a francesa), de estética, filosofia política e social, e teoria da responsabilidade, possuindo uma ampla produção bibliográfica sobre a teoria existencialista de Jean-Paul Sartre. Em *Existentialism: A Very Short Introduction*, Flynn concebe uma síntese de seus estudos acadêmicos sobre o *existencialismo* filosófico, conduzindo um texto didaticamente compreensível, em que pese, alguns capítulos exigirem maior domínio teórico para serem adequadamente apreciados. A cada página, Flynn é eficaz em introduzir a temática existencialista, conferindo à obra um caráter de livro necessário e seguramente recomendável aos que buscam conhecer ou intensificar os estudos no pensamento existencialista sob aspectos históricos e teóricos.

Matheus Gomes Reis Pinto

Mestrando em Filosofia

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Porto Alegre, Brasil

mgrp.ufrgs@gmail.com